

**INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR - ISES
FACULDADE SUMARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCA DA SILVA

LUCINEIDE SANTOS DE OLIVEIRA

MAGALY LUZIANE SANTOS GONÇALVES

**CORPO EM MOVIMENTO: A CONTRIBUIÇÃO DA
PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

**SÃO PAULO
2012**

INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR - ISES
FACULDADE SUMARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FRANCISCA DA SILVA

LUCINEIDE SANTOS DE OLIVEIRA

MAGALY LUZIANE SANTOS GONÇALVES

**CORPO EM MOVIMENTO: A CONTRIBUIÇÃO DA
PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto Sumaré de Educação Superior-ISES - Faculdade Sumaré, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^ª. Mestre **Anaide Trevizan**.

SÃO PAULO
2012

Ficha Catalográfica

SILVA, Francisca - OLIVEIRA, Lucineide Santos - GONÇALVES, Magaly Luziane.
**CORPO EM MOVIMENTO: A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE PARA
O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL** - São Paulo,
2012.

Trabalho de conclusão do curso (TCC) - Instituto Sumaré de Educação Superior- ISES-
Faculdade Sumaré, 2012.

Área de concentração: Psicomotricidade

Orientadora: prof^a Anaide Trevizan

Pedagogia

TERMO DE APROVAÇÃO

FRANCISCA DA SILVA

LUCINEIDE SANTOS DE OLIVEIRA

MAGALY LUZIANE SANTOS GONÇALVES

CORPO EM MOVIMENTO: A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura no Curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré:

Aprovada: 22 de junho de 2012.

Prof^a. Ms. Anaide Trevizan

(Orientadora)

Prof^a Ms. Margarete Ligia Pinto Vieira

(Coordenadora do curso de Pedagogia – Unidade Imirim)

**SÃO PAULO
2012**

DEDICATÓRIA

A Deus, nossas famílias amigos e mestres.

AGRADECIMENTOS

A acima de tudo a DEUS que se fez presente em cada um desses intermediários em cada instante de nossas vidas.

Aos nossos familiares, que com todas as dificuldades não pouparam esforços para nos educar e oferecer condições necessárias para que estudássemos.

Á Faculdade Sumaré, pela seriedade do curso e á coordenadora do curso de Pedagogia Margarete Ligia Pinto Vieira.

Á professora Anaide Trevizan, pela compreensão, orientação e paciência no decorrer dessa pesquisa.

A todos os professores do Curso de Pedagogia que no decorrer de diferentes tempos trouxeram questionamento, conhecimentos, sabedoria e vida.

Aos nossos filhos (as), que por muitas vezes choraram a nossa ausência. Porém compreenderam que nos poucos momentos em que estávamos juntos pudemos aproveitar e compartilhar carinho, amor e atenção

A todos que acreditaram em nossos potenciais e nós incentivaram para a conclusão do curso.

Enfim, agradecemos a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram de forma significativa na elaboração desse trabalho.

EPÍGRAFE

O mundo não é. O mundo está sendo.
(...) Não sou apenas objeto
da *História*, mas sou sujeito igualmente.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa buscou perceber o quanto a Psicomotricidade pode contribuir na formação integral das crianças na etapa da Educação Infantil.

Esse trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e questionário misto em um Centro de Educação Infantil da rede conveniada na zona norte de São Paulo, com professoras e coordenador pedagógico.

Contextualizamos a construção da infância como também as conquistas e desafios da Educação Infantil no Brasil, a partir dos teóricos: - Vitor Da Fonseca, Le Boulch, Fátima Gonçalves, Luiz Cavaliere Bazilio, entre outros.

Verificamos por meio da análise dos dados coletados que a formação e qualificação do profissional da Educação Infantil são de suma importância para sua atuação no campo pedagógico junto às crianças, pois a mostragem deixou explícito que os professores têm conhecimentos adequados sobre a psicomotricidade para o desenvolvimento de seu trabalho, e utilizam várias estratégias que favorecem na formação da criança.

Por isso, acreditamos que a Psicomotricidade é uma ferramenta que contribui de forma qualitativa na formação integral na Educação Infantil. Ter esse suporte é de fundamental importância para todo pedagogo/ a que pretende atuar nessa etapa educacional.

Palavras chaves: Educação Infantil- Formação Profissional- Psicomotricidade.

RESUMEN

Esta investigación buscó comprender cómo la psicomotricidad puede contribuir a la formación integral de los niños en la etapa preescolar.

Este trabajo se realizó por medio de la revisión de la literatura y el cuestionario mezclan en un Centro de Educación Temprana del sistema privado en el norte de St. Paul, con los profesores y el coordinador pedagógico.

Contextualizar la construcción de la infancia, así como los logros y desafíos de la educación infantil en Brasil, del teórico: - Vitor Da Fonseca, Le Boulch, Gonçalves Fátima, Luiz Basilio Cavaliere, entre otros.

Verificado por el análisis de los datos recogidos que las calificaciones de formación profesional y de educación de la primera infancia son fundamentales para su desempeño en el campo educativo con los niños, dejó explícito en cuanto a demostrar que los maestros tienen un conocimiento adecuado del desarrollo psicomotor de su trabajo, y utilizan diversas estrategias que favorecen la formación del niño.

Por lo tanto, creemos que la Psicomotricidad es una herramienta que contribuye en forma cualitativa en plena formación en Educación Infantil. Al contar con ese apoyo es crucial para cualquier profesor / que tiene la intención de actuar en esta etapa de la educación.

Palabras clave: Educación Infantil, Psicomotricidad con la formación.

LISTA DE GRÁFICOS

1 – Gráfico de Formação.....	38
2 – Gráfico de Idade.....	38
3 – Gráfico de Atuação.....	39
4 – Gráfico de Região.....	40

LISTA DE TABELAS

1 – Importância da psicomotricidade na educação infantil.....	41
2 – Atividades que desenvolvem a psicomotricidade.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 - PANORÂMA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

1.1. Infância uma construção histórica.....	16
1.2. Educação Infantil - conquistas e desafios.....	19

CAPÍTULO 2 - A VISÃO DOS PRINCIPAIS TEÓRICOS DA PSICOMOTRICIDADE

2.1. Breve histórico e definição do conceito Psicomotricidade.....	26
2.2. Algumas contribuições de Henri Wallon.....	28
2. 3. Algumas contribuições de Jean Le Boulch.....	31
2. 4. Psicomotricidade e sua contribuição na prática educativa.....	34

2. METODOLOGIA

3. 1. Análise de Dados.....	38
------------------------------------	-----------

3. 2. Caracterização.....	38
3. 3. Psicomotricidade:Conhecimento Importância.....	40
3. 4. Atividades que desenvolvem a psicomotricidade.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
APÊNDICE.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

Nosso grupo se constitui em três integrantes que tiveram suas histórias bem parecidas. Somos três mulheres nordestinas na faixa etária dos 30 á 40 anos, de origem humilde que com muito esforços dos pais conseguiram concluir o curso de magistério, mas que viam o desejo de ingressar em uma faculdade que estava muito distante de nossas realidades.

Devido às dificuldades encontradas em nossas regiões resolvemos migrar para São Paulo, em busca de uma vida melhor cheia de oportunidades onde poderíamos idealizar nossos sonhos.

Mas, infelizmente vimos como é difícil chegar aqui e perceber a grandeza dessa metrópole. Foi exatamente nesse momento que a música Sampa de Caetano Veloso passa a ter um grande significado quando diz: “Quando eu te encarei frente, a frente que vi o meu rosto, chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto mau gosto, é que narciso acha feio o que não é espelho”.

O choque cultural foi muito forte, mas com o tempo nos adaptamos a nova realidade, e percebemos que a vida aqui não é tão fácil assim, pois para os nordestinos só restam muitas vezes os preconceitos e os serviços braçais.

Assim o desejo muito forte de exercermos a profissão de professora aumentava, pois, fizemos o curso de magistério e a vontade de lecionarmos era muito grande, e vimos nas CEIS conveniadas uma oportunidade de atuarmos na área da educação e de termos uma vida digna e profissional decente.

A partir de 2009, com a valorização dos profissionais de educação básica e com a necessidade de nós especializarmos e embasarmos nossos conhecimentos resolvemos ingressar no curso de pedagogia, já que somos sujeitos em construção como firma Paulo Freire: “O mundo não é. O mundo está sendo (...). Não sou apenas objeto da Historia, mas sou sujeito igualmente” (FREIRE, 1996, p. 51).

A chegada à faculdade foi de suma importância, pois nós trouxeram um enriquecimento teórico sobre educação. Ao mesmo tempo, que completava nossos estudos, também tivemos que reaprender a estudar, lidar com as novas tecnologias e a conviver com o preconceito que estava inserido em sala de aula, devido a ficarmos tanto tempo longe da educação formal.

Mas, superamos estes obstáculos, resolvemos premiar nossa conclusão, com a pesquisa teórica sobre a psicomotricidade na Educação Infantil.

Nossa curiosidade começou com uma palestra que participamos em que a palestrante abordava a importância da psicomotricidade na Educação Infantil, enfatizando suas contribuições para o desenvolvimento integral das crianças na faixa etária de (2 a 5 anos). Além de algumas propostas de atividades que enfocarão o desenvolvimento em sala de aula. Mostrando assim quão importante é o trabalho desenvolvido na educação infantil.

E estas questões nos levaram a fazer nossa pesquisa por meio de questionário com sete questões, misto, que será respondido por professores de uma instituição da rede conveniada municipal da região Norte da cidade de São Paulo.

CAPÍTULO 1 – PANORÂMA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Falar da Educação Infantil no Brasil é mergulhar em sua história, trazendo a tona várias questões sobre a concepção de infância, sua trajetória e construção. A educação infantil tem sido objeto de muitas discussões mesmo antes de sua inserção no sistema educacional brasileiro por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 que a situou como sendo a primeira etapa da educação básica. Compreender sua herança histórico-cultural e educacional é nosso desafio neste primeiro capítulo.

1.1- Infância uma construção histórica

Diferente dos animais, o ser humano ao nascer, precisa ser acompanhado por um adulto por um longo tempo para auxiliá-lo em seu desenvolvimento e sobrevivência dentro de uma determinada cultura.

Segundo o pesquisador francês Áries (1973 *apud*. MEC, 1995), a infância foi um conceito pouco a pouco delineado pela sociedade. Em sua obra *História social da criança e da família, estudou e pontou como era tratada a criança desde a sociedade medieval*.

[...] Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à particularidade do que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes [...] ARIES (*apud*. MEC 1995, p. 26).

Na questão de higiene e saúde, até o século XVII, a situação da criança era muito precária, pois chegava a óbito com muita facilidade. Isso era visto tanto pelas famílias como por toda sociedade como um fenômeno natural, pois logo essa seria substituída. Àquelas que conseguiam alcançar certa idade tinha seu reconhecimento diante da comunidade, se realizasse algo semelhante as do adulto.

Havia também um sentimento caracterizado como paparicação frente à criança pequenina. Elas eram tratadas como se não tivessem características nem necessidades próprias.

Segundo Airès (1973), houve uma mudança considerável no final do século XVII, quando a escola assumiu a educação das crianças, separando-as do mundo adulto. Com isso, alguns movimentos como formadores católicos ou protestantes levaram a educação para a moralização, ou seja, correção das crianças, pois acreditavam que as mesmas estavam sob o estigma do pecado e dessa forma precisavam ser encaminhados para o caminho do bem. Pois, passou-se a ter interesses psicológicos e preocupações morais em relação às crianças. Era preciso conhecê-las melhor para, assim poder corrigi-las. Tentavam penetrar na mentalidade das crianças, consideradas então, testemunhas da inocência batismal, semelhanças aos anjos, para melhor adaptar a seu nível e métodos de educação.

Com a Revolução Francesa no final do século XVIII (1789 a 1799), os burgueses tinham expectativas diferentes daquelas anteriores. Julgavam como formação adequada aquela que proporcionasse a oportunidade de garantir a liderança, como sucesso do patrimônio da família. Sendo assim, “escolas assumiram o papel de ponte para o futuro, de etapa preparatória para a vida e o trabalho, preparando a criança para assumir funções adultas” (MEC 1995, p.30 e 34).

Nesse ponto da história, podemos perceber de forma visível a formação de classes sociais, quanto a sua formação que visava o interesse dominante. Para o filho do comerciante era proporcionando uma educação mais apurada e prolongada que o capacitasse para serem intelectuais pensantes. No caso do trabalhador braçal, seus filhos tinham apenas uma educação básica sem qualidade.

De fato, toda ação tem um cunho político de dominantes para dominados, a educação em nosso país e, em qualquer lugar, do mundo não é neutra. Ela tem uma intenção já pensada e organizada dentro de uma determinada sociedade. Forma-se o cidadão de acordo com interesses já forjados e estruturados. Assim, uma sociedade em que procura suprir essas deficiências ou as do meio sociocultural em que vivem essas crianças com uma educação compensativa

Essa concepção pressupunha um “padrão” médio, único e abstrato de comportamento e desempenho infantil: as crianças de classes sociais dominadas (economicamente desfavorecida, exploradas, marginalizadas, de baixa renda) são consideradas como “carentes” “inferiores” à medida que

não correspondem ao padrão estabelecido (ARIES 1973 *apud*. MEC, 1995 p. 34).

Ainda no século XVIII, a visão acerca da individualidade da criança como um ser pensante estava longe de ser reconhecida. Acreditava-se que ela era um “ser primitivo” que não tinha características próprias nem pensava. Era considerada uma “tábua rasa¹”, uma folha em branco a ser preenchida pelos moldes dos adultos. Assim, podemos perceber que as crianças eram vistas como mini-adultos sendo preparados para assumirem posições desse mundo desconhecido, anulando totalmente seu modo de ser e pensar.

Na Inglaterra, em meados do século XVIII e expandindo para o mundo no século XIX, a Revolução Industrial marca a organização da sociedade. Com o aumento da indústria, cresce também a necessidade de mão-de-obra para o trabalho. Com essa demanda, “grande número de mulheres, que anteriormente morava nos campos e dedicava-se a casa e aos cuidados com as crianças, passou a ter de trabalhar nas cidades, fora de casa, nas indústrias” (MEC 1995, p. 34).

A partir desse contexto temos o surgimento de instituições que guardavam as crianças dessas mães que trabalhavam fora de casa. Essa foi a nova visão de educação construída que teve grande peso no século XIX. Por volta do século XX, formou-se um sentimento de infância voltado para a moralidade. Dessa forma,

[...] passou-se a ter interesses psicológicos e preocupações morais em relação à criança. Era preciso conhecê-las melhor para, assim, poder corrigi-las. Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças, consideradas, então, testemunha da inocência batismal, semelhantes as dos anjos, para melhor adaptar o seu nível os métodos de educação (ARIES 1973 *apud* MEC 1995, p.30).

Nessa época, a vida era basicamente rural e apenas a aristocracia e o clero que cuidava da manutenção da vida espiritual e religiosa, tinham acesso à cultura e a educação.

1.2- Educação Infantil - conquistas e desafios

¹ O argumento da tabua rasa foi usada pelo filósofo inglês Johan Locke (1632-1704), Para ele, todas as pessoas nascem sem conhecimento algum (i.e.mente é, inicialmente,como uma “folha em branco),e todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendendo através da experiência.

Revisitando a história da educação infantil no Brasil percebemos que, para chegar ao que temos hoje, passou-se um caminho duro de reconhecimento da criança como cidadão de direitos.

Como observamos a situação da criança em nosso país sempre foi uma questão muito séria, pois ela está ligada a consequências socioeconômicas e políticas. Quanto mais empobrecida ela fosse, mais vulnerável era sua condição social. Muitas crianças sofriam com as consequências da pobreza, acarretando abandono, desnutrição e morte. De um lado a família de baixa renda buscava sobrevivência social, que gerava uma situação lamentável, pois,

As crianças muito pobres têm seu tempo de infância encurtado, ficando aos cuidados dos irmãos mais velhos, de vizinhos, parentes, ou, o que tem sido muito frequente, abandonados à sua própria sorte. Muitos pais não podem, por razões econômicas, cuidar de seus filhos até que se tornem independentes e capazes de viver a própria vida (ARIES, 1973 apud MEC 1995, p. 14).

Por outro, a sociedade não reconhecia a particularidade desta etapa, como também o governo não tinha políticas públicas que atendesse essa população que sofria com o descaso e abandono social, uma vergonha nacional.

Ao contrário dessa situação, as crianças com mais condição financeira, eram cuidadas com atenção. Porém, até mesmo para essas havia uma questão muito séria, pois, “[...] Embora estejam em uma situação muito melhor do que aquelas crianças que não têm sequer o que comer, frequentemente vivem em um mundo que não considera seu modo de pensar, sentir e agir” (ARIES, Apud MEC 1995, p. 14).

Como podemos observar havia – e ainda hoje há – um abismo social historicamente construído em nosso país, pois para cada camada da sociedade existiam,

Diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e a exploração por parte dos adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu

desenvolvimento. Essa dualidade revela a contradição e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano (RCNEI, 1998, p. 21).

Segundo Bazilio (2002), a história do atendimento à infância no Brasil é dividido em três momentos.

O primeiro vem sendo construído desde o “(...) descobrimento até o início da década de 1920, pode ser descrita como a da filantropia ou assistencialismo. O que caracteriza essa etapa é a criança tida como objeto de caridade e não como sujeito de direito”. (BAZILIO 2002, p. 45).

Nesse período, havia a fundação da Santa Casa de Misericórdia diretamente ligada à igreja católica dirigida por irmandades e a Instituição da Roda, conhecida como “[...] a instituição do abandono: nela são depositadas as crianças indesejadas garantido o anonimato daquele que ‘enjeitava’” (2002, p. 46). Essa foi criada para atender muitas crianças que eram deixadas às portas das casas e igrejas como também nas ruas. Segundo o mesmo autor, era comum o dono de uma escrava que estava amamentado, tirar-lhe o filho – que era levado para a roda – e alugá-la como ama de leite à família de posse.

Essa situação trouxe muitos problemas para o Império, pois essas crianças se revoltavam contra o sistema. Dessa forma, as autoridades resolveram colocar muitos jovens em presídios. Mais tarde Dom Pedro II criou a “Casa de Correção da Corte”, visando participações em oficinas, transgressões e castigos.

No segundo momento histórico, segundo Bazilio (2002), a situação vai só se agravando. Essa se configura de 1920 a 1980, quando foram.

Dois Códigos de Menores; a criação do Juizado de Menores [...], O Serviço de Assistência ao Menor e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor são produtos desse momento. Trata-se de Brasil Republica com suas normas ‘científicas’ de regulação nacional (BAZILIO, 2002, p. 47).

Nesse período julgavam-se, instituições públicas e privadas, que esses menores deveriam estar internados para que houvesse ordem nacional.

Assim, “A tentativa era circunscrever ou isolar o problema daqueles que se tinham desviado de padrões de comportamento ou conduta ditos normais” (BAZILIO,

2002, p. 47). Até mesmo aquelas crianças e jovens que estavam nas ruas eram postas em presídios.

Acreditava-se que até mesmo essas poderiam causar mal à sociedade, por isso a cidade tinha que estar protegida desse perigo. Diante de toda essa situação, em 1941, com o Estado Novo de Getúlio Vargas, foi criado, Serviço de Assistência a Menores - SAM, porém nos anos 50, acabou fracassando com a corrupção interna.

Em 1964, surge o Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor - FUNDABEM que ocupa o prédio onde estava instalado o Serviço de Assistência a Menores, como também toda sua equipe de trabalho. A proposta era basicamente a mesma, políticas de controle e contenção. Isso é o que afirma o autor ao declarar que

Tanto o Serviço de Assistência a Menores quanto a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor foram fundados e fortemente financiados por regimes de força que sobrepõem à ordem democrática. Seja através do Estado Novo ou do Golpe Militar o discurso da infância, sua suposta proteção e zelo pelos bons costumes se faz presente (BAZILIO, 2002, p. 48 – 49).

O terceiro período ocorre entre os anos de 1980 a 1990, aonde vários setores da sociedade vão se fortalecendo e exigindo do governo uma posição frente à infância. Com a decadência da ditadura militar “... e a conseqüente luta dos amplos setores da sociedade pela democratização e a determinação pela criação de um ‘Estado Novo’ possibilitou que o tema criança pobre, desassistida retornasse ao debate público com um vigor extraordinário” (BAZILIO, 2002, p. 50).

A partir desse momento histórico, surge em São Paulo em 1978, o Movimento em Defesa do Menor, liderado por Lia Junqueira e o jornalista Carlos Alberto Luppi.

Com essa iniciativa, diversos grupos em todo país

[...] se organizam em defesa da população infanto-juvenil. A luta é pela vida e pela dignidade, contra a forma como eram tratados os que se encontravam sob tutela do Estado ou em situação de carência (BAZILIO, 2002, p.50).

Estando à margem da sociedade a criança pequena ia pouco a pouco se tornando um adulto sem perspectiva de vida. Essa era (em muitos lugares ainda é) a situação de nosso país. Não havia um olhar mais atento para as famílias mais

pobres e quem acabava sofrendo com isso eram as crianças, ficando a margem da sociedade, pois,

Na verdade, [...] uma concepção mais assistencialista ou mais educativa para o atendimento realizado em creches e pré-escolas tem dependido da classe social das crianças por elas atendidas. Assim, enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres eram proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidades de guarda, higiene e alimentação (OLIVEIRA, 2007, p. 17).

Essa visão elitista, que dividia o olhar frente ao atendimento à criança, só foi tomando novo rumo na questão do desenvolvimento infantil

[...] quando seguimentos da classe média foram procurar atendimento em creche para seus filhos é que esta instituição recebeu força de pressão suficiente para aprofundar a discussão de uma proposta verdadeiramente pedagógica, compromissada com o desenvolvimento total e com a construção de conhecimento pelas crianças pequenas (OLIVEIRA, 2007, p. 18).

O contexto econômico e político em nosso país cada vez mais exigiam das autoridades o combate às desigualdades sociais, provocando “[...] um vibrante movimento em luta pela democratização da educação pública brasileira” (2007, p.18). Essa força e pressão social foram o impulso para que a educação de crianças de 0 a 6 anos, em creches e pré-escolas fosse reconhecida pela Constituição Federal de 1988. A partir desse marco legal, a criança passa a ser cidadão de direito à educação perante a Lei Nacional.

Em 1990 foi sancionada a Lei Nº 8.069 Estatutos da Criança e do Adolescente - ECA (re) afirmar em seu artigo 3º que,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1990, p. 29).

Em 1996, mais um passo significativo é firmado na educação infantil Lei nº 9.394. O artigo 29 dessa mesma lei reconhece a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

No ano de 1998, o Ministério da Educação e do Deporto elabora o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, tendo como objetivo “servir como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira”.

Podemos considerar que a criança do anonimato passa a ser sujeito pleno de direito como todo cidadão. O artigo 54, o documento deixa claro que é dever do Estado assegurar a criança de 0 a 6 anos, o atendimento em creches e pré-escolas.

Hoje muitas reflexões estão sendo realizadas a cerca da educação infantil, visando um atendimento qualitativo em suas instituições (creches e pré-escolas). É o que afirma Fonseca (2004) ao mencionar que muito alicerce foi firmado tendo como abordagem o desenvolvimento integral a criança.

Porém, apesar de todo movimento que houve e hoje há em prol da educação infantil, percebemos que há, todavia, muitos resquícios do passado na concepção e atuação de profissionais nesta etapa educacional.

Em nosso país, a desigualdade social ainda prevalece, acentuando cada dia mais um abismo entre ricos e empobrecidos.

Essa situação se reflete no atendimento à saúde, moradia, educação etc., pois há anos,

[...] a sociedade brasileira é marcada por desigualdades econômicas, sociais e regionais, pela coexistência da abundância e da miséria, dos desperdícios e das carências, da manutenção de privilégios e da negação de direitos. A marginalização e a exclusão social são fruto do ‘modelo’ de desenvolvimento adotado e só haverá integração econômica e social de toda a população infantil e suas famílias se a justiça, a liberdade e a solidariedade forem adotadas como princípios e valores de uma nova ‘ordem’ (FONSECA, 2004, p. 201).

Contudo, há um percurso a percorrer para que de fato o atendimento de criança seja efetivo sem discriminação ou distinção de raça, cor, sexo, classe ou

religião. Ao longo da história fomos percebendo gradualmente muitas conquistas no atendimento à criança, que passa do anonimato social para cidadã de direitos.

No entanto, a Educação Infantil – em muitas instituições – trazem em seu bojo, resquícios de um passado excludente, onde a criança não é respeitada em sua individualidade. O anonimato massifica e descaracteriza o ser humano.

Não é essa a educação que acreditamos e queremos, visto que cada pessoa experimenta o mundo de forma única e singular, pois o ser humano não se repete. Somos conscientes que para haver mudança é preciso que o educador seja comprometido com sua prática pedagógica, comprometido com sua formação e com a formação da criança.

CAPÍTULO 2 - A VISÃO DOS PRINCIPAIS TEÓRICOS DA PSICOMOTRICIDADE

O esquema corporal não é um conceito inicial ou uma entidade biológica ou física, mas o resultado e a condição da justa relação entre o indivíduo.

H. Wallon

Como refletimos em nosso primeiro capítulo, a infância passou por um longo caminho de construção e luta social. Vários fatores configuraram a característica (visão) da particularidade da criança e, conseqüentemente, da organização da família.

Com a exigência do mercado de trabalho, os pais tornaram-se cada vez mais ausentes do lar. Sendo assim, o processo de amadurecimento e desenvolvimento de seus filhos sofre mudanças com as relações familiares.

O fenômeno da urbanização das cidades é outro fator que acarreta mudanças gerando a diminuição do espaço e da própria liberdade para as crianças desfrutarem do momento de brincar (GONSALVES, 1983 p. 13).

É visando essas necessidades que nascem as instituições de ensino a quais tornam-se responsáveis pela "...estimulação motora, emocional, cognitiva e social. A escola transformou-se, então em um espaço importante para as crianças experimentarem novas vivencias" (GONSALVES, 1983 p.13).

Portanto, entendemos que a Educação Infantil tem uma importância fundamental no contexto sócio-cultural da criança, buscando responder suas necessidades de forma particular.

Assim, acreditamos oferecer uma educação psicomotora, contribuirá com o desenvolvimento integral da criança.

2.1- Breve histórico e definição do conceito Psicomotricidade

Segundo FONSECA (1998), a história da Psicomotricidade está relacionada à concepção do corpo. Essa sofreu inúmeras mudanças passando por Aristóteles e o cristianismo. O corpo era descuidado, a valorização estava no espírito.

Com a influência do filósofo Descartes no século XIII acentua-se ainda mais o dualismo entre corpo e a alma. Apenas no século XIX, o corpo começa a ser estudado pelos neurologistas, pois tiveram a necessidade de compreender suas estruturas cerebrais. Logo depois os psiquiatras, iniciaram seus estudos para verificarem as razões de alguns fatores patológicos. Afirma Le Boulch (1982), que ao iniciar seus estudos sobre a debilidade motora em débios mentais, Dupré² utiliza pela primeira vez no campo da patologia, o termo “Psicomotricidade”.

No campo científico, o grande pioneiro da Psicomotricidade foi Wallon (1925), ao contribuir com seus trabalhos sobre o desenvolvimento psicológico da criança. Para ele, há uma inter-relação entre movimento, afeto, emoção, meio ambiente e hábitos do indivíduo. É a partir de seus estudos que ocorre o primeiro impulso nas pesquisas de “reeducação psicomotoras”, dentre outras que deram força para a consolidação dessa Ciência.

Segundo Galviani (2002), o conceito de Psicomotricidade ganha uma expressão significativa, uma vez que traduz a solidariedade profunda e original entre a atividade psíquica e a atividade motora, ou seja, trata-se de relacionar elementos do desenvolvimento.

Ainda sob influência de Wallon, na década de 70 são realizados vários trabalhos na área da educação com Picq y Vayer, Lapierre y Auconturier, Defontaine, Le Boulch. Nesse período, diferentes autores definem a psicomotricidade como motricidade de relação.

Em sua obra, Gonçalves (1983, p.21), apresenta vários estudiosos da Psicomotricidade que a define, a saber:

²Dupré pesquisador e neuropsiquiatra afirmava em seus trabalhos a independência da debilidade motora de um possível correlato neurológico. Psiquiatra francês que, em 1907, formulou a noção de psicomotricidade, através de uma linha filosófica psiquiátrica, evidenciando o paralelismo psicomotor, ou seja, a associação estreita entre o desenvolvimento da motricidade, inteligência e afetividade. A patologia cortical, a neurofisiologia e a neuropsiquiatria são conhecidas como as três vias de acesso do conceito de psicomotricidade.

- I. Pierre Vayer – “a psicomotricidade deve se esforçar em desenvolver sua própria originalidade, que é a do corpo e da ação corporal, como linguagem fundamental na comunicação da criança-mundo. O corpo não é um símbolo, nem um objeto ou instrumento, ele subentende a presença no mundo”.
- II. Vitor da Fonseca – “psicomotricidade é a evolução das relações recíprocas, incessantes e permanentes dos fatores neurofisiológicos, psicológicos e sociais que intervêm na integração, elaboração e relação do movimento humano”.
- III. Simonne Ramain – “a psicomotricidade deve se propor a buscar um desenvolvimento global do indivíduo, através de sua estruturação mental, sendo enfocados igualmente aspectos afetivos, motores e intelectuais, levando-o a tomar consciência de si pela atitude e movimento”.
- IV. Julian de Ajuriaguerra – “a psicomotricidade é a expressão de um pensamento pelo ato motor preciso, econômico e harmonioso”.

Atualmente a Psicomotricidade é reconhecida como uma ciência que se relaciona com vários campos de pesquisa que tem como foco o desenvolvimento infantil,

Por tratar da relação entre o homem, seu corpo e o meio físico e sócio cultural no qual convive, a Psicomotricidade é fundamentada e estudada por um amplo conjunto de campos científicos, onde se pode destacar a Neurofisiologia, a Psiquiatria, a Psicologia e a Educação, imprimindo cada uma dessas áreas enfoques que lhe são específicos (MELLO, 1989 p.30).

Dessa forma, podemos depreender que a psicomotricidade é “uma ciência que estuda o indivíduo por meio de seu movimento que exprime, em sua realização, aspectos motores, afetivos e cognitivos, resultados da relação do sujeito com seu meio social” (GONÇALVES, 1983, p. 21). Nessa mesma linha de pesquisa, Mello, afirma que “[...] a psicomotricidade é uma ciência que se ocupa do homem e seu corpo em movimento nas relações ao nível interno e externo” (MELLO 1989, p.19).

Postulados de Galvani (2002) destacam que,

A Psicomotricidade é hoje concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio,

instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se (GALVANI, 2002, p. 22)

A autora ainda destaca três pontos importantes na Psicomotricidade que a define como uma ciência que engloba a tripolaridade do homem: Intelectual: aspectos cognitivos; Emocional: aspectos afetivos e Motor: aspectos orgânicos.

A Sociedade Brasileira de Psicomotricidade a define como

[...] a ciência que tem como objeto o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo (SBP, 2011).

Portanto, como podemos perceber a abordagem e o conceito que cada autor apresenta sobre essa Ciência possui pontos em comum. Um desses é o corpo origem, ponto chave para o desenvolvimento integral da criança. Outra ligação entre esses autores é a interação desse corpo com o meio através de seu movimento. Esses conceitos são chave em nosso trabalho de pesquisa.

Assim, acreditamos que por meio desse campo do conhecimento o pedagogo deva qualificar-se e contribuir de forma qualitativa na vida de tantas crianças como mediador em sua formação.

2.2- Algumas contribuições de Henri Wallon

Ao aprofundarem várias obras desse teórico, MAHONEY e ALMEIDA (2004), afirmam que em seus estudos Wallon analisa a pessoa concreta e contextualizada.

Segundo MAHONEY (2004), o foco da teoria está na relação da criança com seu meio, sendo que é nessa interação que se constitui a pessoa,

Em outras palavras, o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições de existência cotidiana, encravada em uma dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época (MAHONEY, 2004 p.14).

De acordo com as autoras, Wallon foi o primeiro a considerar o corpo (movimento) da criança e suas emoções fundamentais para o desenvolvimento

intelectual, numa época em que a escolaridade das crianças privilegiava a memória e a erudição. Para ele, a infância é um período privilegiado que possui características e necessidades próprias. Os temas fundamentais trabalhados em sua teoria são os conjuntos funcionais – motor, afetivo, cognitivo e pessoa, formando

[...] um sistema integrado em que cada um deles depende do funcionamento do sistema como um todo, cada um deles participa da constituição dos outros, funcionando, então, o psiquismo como uma unidade (MAHONEY, 2004, p. 16).

Em sua obra, Fonseca (2008), afirma que para Wallon o ser humano está unido ao seu meio ambiente de forma indivisível, não ocorrendo de forma alguma separação. Assim, ele considera que “[...] não há oposição entre o desenvolvimento psicobiológico e as condições sociais que o justificam e motivam” (FONSECA, 2008 p.15).

Nessa perspectiva, a sociedade se torna uma necessidade predominante na construção do desenvolvimento da criança, pois ela

[...] determina o seu desenvolvimento e, portanto, a sua inteligência. A apropriação do conhecimento é um fator extrabiológico inerente ao grupo social [...]. No ser humano, o desenvolvimento biológico, ou seja, sua maturação neurológica, e o desenvolvimento social, ou seja, a incorporação da experiência social e cultural [...] são condições um do outro (FONSECA, 2008 p.15).

É nessa relação que a criança se desenvolve, aprende e se constrói gradativamente. O que liga todo esse movimento interno e externo é sua motricidade que se torna seu principal meio de comunicação dentro de um grupo social.

Para Fonseca (2008),

Até a aquisição da linguagem, a motricidade é, pois, a característica existencial e essencial da criança, é a resposta preferencial e prioritária às suas necessidades básicas e aos seus estados emocionais e relacionais (FONSECA, 2008 p.15).

Dessa forma, a motricidade se torna a primeira estrutura de relação e co-reação com o meio social, ou seja, consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Ocupando um lugar especial na teoria a motricidade é “[...] uma das mais ricas

formas de interação com o desenvolvimento externo, e é, na sua essência, um instrumento privilegiado de comunicação da vida psíquica” (FONSECA, 2008).

Para melhor entendermos o conceito de movimento nessa teoria, se faz necessário entendermos os termos evolutivos no qual a criança passa segundo essa linha teórica.

De acordo com Fonseca (2008), especifica a motricidade sob três formas de deslocamento que ele nomeia de exógenos, autógenos e práxicos³.

O primeiro, conhecido também como deslocamento passivo está relacionado a total dependência da criança aos cuidados do adulto que o rodeia para suprir suas necessidades de sobrevivência. Assim, ele comunica as suas necessidades por impulsos de desconforto (choro, desconforto, irritabilidade etc.). O segundo deslocamento autógeno/ativo, a criança vai passando progressivamente a uma autonomia em algumas situações como, por exemplo, em seu equilíbrio e locomoção. E por fim os deslocamentos práxicos conhecido também, na teoria de walloniana, como deslocamentos dos seguimentos corporais tendo como base,

[...] um diálogo entre si e o meio, cada vez mais diferenciado e com resposta do corpo inteiro, integrando já verdadeiras atitudes gestuais e mímicas de interação que concretizam as aquisições dos primeiros hábitos sociais e que permitem as funções construtivas e co-criadoras das coordenações e das aprendizagens psicomotoras (FONSECA, 2008, p.16).

A partir desse deslocamento, o qual é de interesse em nossa pesquisa, a criança vai descobrindo novas concepções de si mesma e da realidade que a rodeia. Essa conquista traz para a criança novas possibilidades de interação com e no meio e seu grupo social. As experiências vividas acentuam esses momentos de aprendizagem que passa pelo corpo sensível. De acordo com Fonseca 2008, Wallon afirma que,

[...] o movimento não é um puro deslocamento no espaço nem uma adição pura e simples de contradições musculares; o movimento tem um significado de relação e de interação afetiva com o mundo exterior, pois é a expressão material, concreta e corporal de uma dialética e subjetivo-afetivo que projeta a criança no contexto da sociogênese (FONSECA, 2008 p.17).

³ Praxia é um conjunto de movimentos coordenados com uma finalidade determinada.

Ao se movimentar, a criança vai adquirindo maior autonomia e controle de seu próprio corpo. Em Conseqüência dessa ação sua interação com o mundo cria diferentes possibilidades de aprendizagens. Essa traz consigo novas conquistas, pois, “ao movimenta-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais” (RCNEI, 1998 p. 15).

2. 3- Algumas contribuições de Jean Le Boulch

Jean Le Boulch, nascido na França é autor de várias obras no campo da Psicomotricidade, professor de Educação Física, Doutor em Medicina com especialidade em Reabilitação Funcional e Psicomotricidade, dedicou seu trabalho a compreensão da motricidade humana.

Le Boulch (1982) sustenta em sua teoria que há uma evolução no desenvolvimento psicomotor que ao longo ele passa por estágios, que equilibram o desenvolvimento gradual do ser humano.

O primeiro estágio – corpo vivido corre entre 0 a 3 anos de idade. Nesse período, ocorre o equilíbrio do comportamento tônico-emocional: unidade do ser, atenção do meio em relação à criança. Nesse estágio, o contato corporal criança-mãe tem um papel fundamental. A característica fundamental dessa etapa é a experiência vivida através da exploração do meio. Ao final desse período ela reconhece seu corpo diferente do meio.

O segundo estágio – corpo, percebido, vai dos 3 aos 7 anos. Nesse há uma evolução gradual da linguagem verbal, a capacidade de utilizar símbolos (linguagem, desenho, jogo simbólico, faz-de-conta). Ela é capaz de interiorizar como também exprimi-las verbalmente através de funções simbólicas. Segundo o autor, a partir desse estágio a imagem visual do corpo estará integrada às sensações táteis.

Nossa hipótese de trabalho faz da educação psicomotora um meio prático de ajudar a criança a dispor de uma *imagem do corpo operatório*, a partir da qual poderá exercer sua disponibilidade. Esta conquista passa por vários estágios de equilíbrio, que correspondem aos estágios da evolução psicomotora (LE BOULCHE 1982, p 18).

Partindo de sua análise de pesquisa do desenvolvimento orgânico e emocional dos primeiros anos de vida, Le Boulche (1982) coloca em relevo que a criança desde o seu “[...] nascimento, existem potencialidades que, para desenvolver-se, não requerem só a manutenção dos processos orgânicos, mas sim principalmente o intercâmbio com as outras pessoas” (LE BOULCHE, 1982 p.27).

Podemos observar, a partir dessas colocações, a importância que relação sujeito/meio tem para o desenvolvimento pessoal, pois entendemos que não basta apenas dispensarmos cuidados assistencialista à criança, é preciso mais do que isso, que o outro se relacione com a criança, buscando desenvolver suas potencialidades. Por isso, o outro que cuida e acompanha tem um papel fundamental nesse caminho de construção.

Sendo assim, a primeira infância, segundo o autor, dependendo da qualidade desse intercâmbio, uma vez que ela tem influência determinante na orientação do temperamento e da personalidade, pois, “é através das relações com os outros que o ser se descobre, e a personalidade constrói-se pouco a pouco” (LE BOULCHE, 1982 p.27).

Dessa forma, Le Boulche (1982), afirma que os aspectos relacionais dentro de um grupo social, ou seja, em sua relação humana, reflete-se diretamente no desenvolvimento funcional do ser humano.

Sem dúvida alguma, o espaço onde se dá essa relação tem papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo a escola considerada por excelência um lugar privilegiado onde a psicomotricidade deve ser utilizada como uma importante ferramenta na formação integral da criança em sua mais tenra idade.

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, adquirir habitualmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permitindo prevenir inaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas (LE BOULCHE 1982, p. 24-25).

Nessa perspectiva, a relação que se dá nesse espaço escolar passa pelo movimento corporal, porta sensível à construção e estruturação do próprio ser.

Assim para esse mesmo autor é possível, “[...], através de uma ação educativa, a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais, favorecer a gênese da imagem do corpo, núcleo central da personalidade” (LE BOULCHE 1982, p.13). A Psicomotricidade sem dúvida é uma ferramenta muito importante na escola para Educação Infantil.

[...] A educação psicomotora concerne uma formação de base indispensável a toda criança que seja normal ou com problemas. Responde a uma dupla finalidade: assegurar o desenvolvimento funcional tendo em conta possibilidades da criança e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano (LE BOULCHE 1982, p.13).

O corpo é sem dúvida alguma, nessa teoria, elemento muito importante para a experiência e interação social. Ajudar a criança a construir uma boa imagem de si mesmo é fundamental no processo de formação, pois “[...] a imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Ela não corresponde só a uma função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento” (LE BOULCHE 1982, p 15). Com a relação mútua entre organismo e meio, ocorre um movimento interno em que o corpo se organiza como núcleo da personalidade. Le Boulche nomeia essa relação de estrutura estruturante de,

[...] centro do sentimento de maior ou menor disponibilidade que temos de nosso corpo, e o centro da relação vivida universo-objeto, passa por uma sucessão de estados de equilíbrio onde nenhum está traduzido de maneira exata por esse termo empregado isoladamente (LE BOULCHE 1982, p 18).

Destarte, Le Boulche (1982), nos alerta com sua teoria que para compreender a criança, seu desenvolvimento, ação etc., é preciso mergulhar no meio, saber qual estágio psicomotor ela se encontra, acreditar em suas potencialidades, proporcionando situações de vivências que a desafie (meio/outro). Por isso, conhecer a realidade do aluno e sua história é fundamental para uma boa atuação pedagógica que traga contribuições relevantes na formação da criança.

2. 4. Psicomotricidade e sua contribuição na prática educativa

Sem dúvida, a Psicomotricidade traz contribuições importantíssimas para o desenvolvimento integral da criança. Ela vem enriquecer e ampliar as possibilidades expressivas, afetivas e cognitivas na formação do ser humano. Desse modo, acreditamos que a Educação Infantil se torna um espaço privilegiado que contribuirá favoravelmente na formação da criança.

Para Gonçalves (1983), a Psicomotricidade constitui-se num meio auxiliar na estruturação do desenvolvimento das crianças, ligando as experiências motoras, cognitivas e sócio-afetivas indispensáveis na sua formação. A prática dessa ciência pode também favorecer na prevenção de possíveis lacunas ocorridas durante o processo de maturação da criança. Esse desenvolvimento ocorre dentro de um grupo social a partir de sua interação. É nesse movimento que a criança experimenta seu meio e organiza-se a si mesmo, em seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional,

À medida que a criança experimenta várias situações que proporcionam o conhecimento total de seu corpo e de suas partes, permite uma comunicação com o meio, favorece a diferenciação das partes do corpo em relação, uma às outras, o domínio de seu corpo sua percepção motora, sua imagem corporal, [...] (ALVES, 2008, p.44).

Segundo Gonçalves (1983), a estimulação psicomotora equilibra esses três aspectos do desenvolvimento visando à aquisição de novas aprendizagens,

Num ambiente favorável, o nosso menino ou menina, pode encontrar possibilidade de retirar o máximo proveito de suas potencialidades inatas. Num ambiente indiferente e hostil, apenas algumas dessas potencialidades básicas poderão exprimir-se (GESELL, apud. GONÇALVES, 1983, p.25).

A estimulação psicomotora na Educação Infantil ajudará e ou motivará, a criança a experimentar e perceber seu meio. É nesse ambiente diversificado que ela vai adquirindo novas experiências que a levarão a diferentes aprendizagens.

O objetivo da estimulação psicomotora é “[...] a utilização do corpo como via de comunicação com o mundo, para colocar a criança em situações variadas de exploração concretas, apropriando-se e resgatando sua memória motora, cognitiva,

emocional e social” (GONÇALVES, 1983, p. 25). Adotando essa prática, a criança vai tomando consciência de suas próprias potencialidades motoras, cognitivas e afetivas. Dentro dessa perspectiva a instituição de Educação Infantil deve valorizar o corpo como principal ferramenta, pois é através de dele que a criança explora, percebe, cria, brinca, imagina, sente planeja e é a partir desse movimento que a criança contextualiza-se, pois

O movimento, na sua ação, manifesta a sua exteriorização significativa dos desejos e das aquisições do indivíduo, pois traduz o corpo vivido, o conhecimento concreto experimentado pelo sujeito. A originalidade peculiar do movimento não o caracteriza como mecanismo psíquico ou filosófico, como consciente ou inconsciente; ele traduz e projeta no mundo a ação relativa a um sujeito (FONSECA 2008, apud. GONÇALVES, 1983, p.27).

Se a Psicomotricidade contribui na formação da pessoa, é de suma importância considerar sua intencionalidade e a organização de suas ações, sendo estas, fundamentais para a realização de sua prática pedagógica,

É por meio da atividade motora que a criança vai construindo um mundo mental cada vez mais complexo, não apenas em conteúdo, mas também em estrutura. O mundo mental da criança, devido as ações e interações com o mundo natural e social, acaba por apresentar essas realidades por meio de sensações e imagens dentro de seu corpo e de seu cérebro. Primeiro por intervenção de outras pessoas, que atuam como mediadoras entre as crianças e o mundo; depois pelos sucessos e insucessos da sua ação, ela vai adquirindo experiências que virão a ser determinantes no seu desenvolvimento psicológico futuro (FONSECA 2008, apud. GONÇALVES, 1983, p.27).

Segundo Gonçalves (1983), a prática da estimulação psicomotora bem direcionada, tendo um objetivo claro contribuirá com a formação da criança trazendo a tona sua personalidade.

Sendo assim, a interação da criança com o mundo dos objetos e os indivíduos de seu grupo social, sob orientação da motricidade, desenvolverá as capacidades psicológicas de seu desenvolvimento.

3. METODOLOGIA

“Portanto, educar significa favorecer o crescimento e a adaptação da criança. A educação nos primeiros anos de vida deve levar em consideração as exigências básicas da criança naquele período específico, permitindo a ela vivenciar experiências que valerão para seu aprendizado.”⁴

Tereza Borghi⁵

O presente trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica pertinente ao tema. A pesquisa de campo abrangeu 10 professores de Educação Infantil e 1 coordenador pedagógico de uma instituição da rede conveniada municipal da região Norte da cidade de São Paulo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário a ser respondido pelos próprios respondentes. A análise de dados será de maneira qualitativa.

Nessa perspectiva, esse trabalho busca responder quais as atividades propostas para as crianças da Educação Infantil, enfocando o desenvolvimento psicomotor, podem contribuir para trabalhar melhor os conteúdos em sala de aula.

Na tentativa de responder as questões, buscou-se analisar as respostas dos professores da Creche/CEI da rede conveniada - SP.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário a ser respondido pelos próprios respondentes.

O questionário possui questões do tipo fechadas e abertas. Nas questões fechadas falam um pouco dos professores, formação acadêmica, área de atuação, tempo de magistério, idade e região onde residem.

Já nas questões abertas buscou saber o que as professoras entendem sobre psicomotricidade, sua importância e quais atividades aplicam para desenvolver a

⁴Protocolo de e Observação Psicomotora (POP-TT): Relação entre aprendizagem, psicomotricidade e as neurociências. São Paulo: Pulso Editorial 2010,p.7.

⁵ Licenciada em Educação Física pela FMU, Especialista em Psicomotricidade pelo ISPE/GAE – OIPR, Sócia Titular da Associação Brasileira de Psicomotricidade. Coordena cursos relacionados “A Educação da Psicomotricidade na Educação Brasileira”. Docente em cursos de pós-graduação, extensão e aprimoramento nas instituições: CEFAC e FMU. Atuação Clínica na cidade de São Paulo e Barueri.

psicomotricidade e quais estratégias são utilizadas para trabalhar com as crianças de 2 a 5 anos.

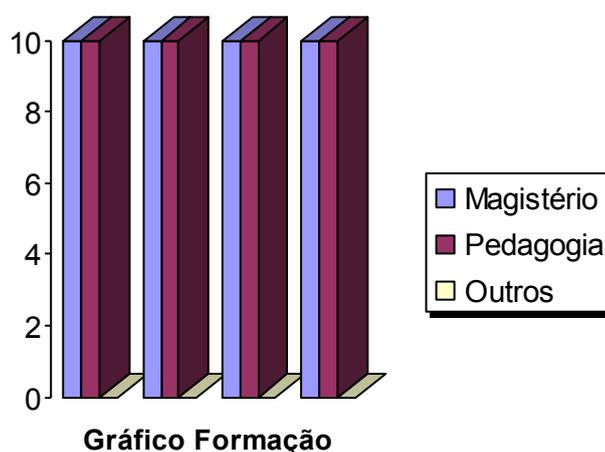
3.1- Análise de Dados

A partir das questões respondidas, buscamos compreender como as atividades desenvolvidas pelas professoras de Educação Infantil Creche/CEI podem contribuir de forma integral e qualitativa na motricidade infantil.

Nosso objetivo é desvendar a importância da psicomotricidade e suas contribuições para o desenvolvimento infantil com crianças de 2 a 5 anos, e quais as estratégias para trabalhar a psicomotricidade na instituição de educação infantil

3. 2- Caracterização

A creche/CEI na qual fizemos a pesquisa fica localizada no bairro do jardim Peri na zona norte de São Paulo. O prédio de alvenaria em bom estado de conservação possui 6 salas de aula, brinquedoteca, tanque de areia, Parque, pátio e sala de informática. Atende 120 crianças de 2 a 3 anos e onze meses



Com base na tabulação dos dados, representados no gráfico 1, nota-se o quadro de professores da CEI/Conveniada é composto por 10 professoras, que tem magistério e completaram o curso de pedagogia e uma tem outra formação em Bacharel em ciências da religião, sendo que 4 atuam no mini-grupo I; 4 no mini-grupo II e 2 no mini-grupo III. Isso podemos ver como mostra o gráfico 2.

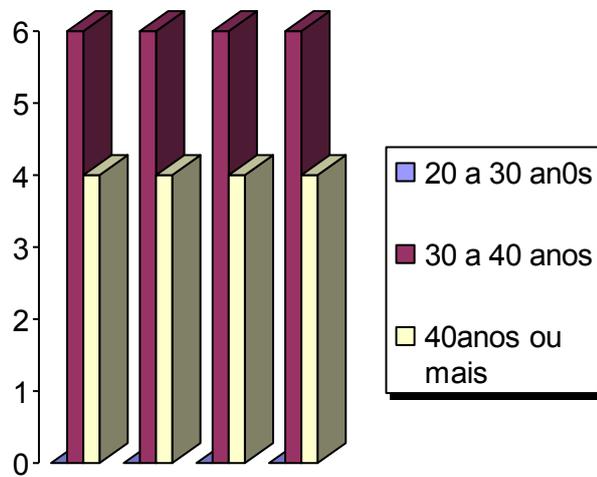


Gráfico Idade

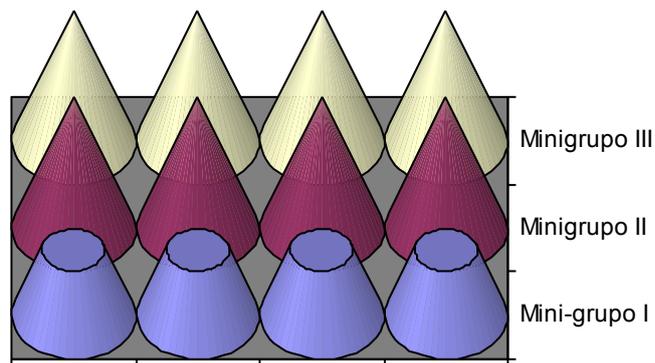
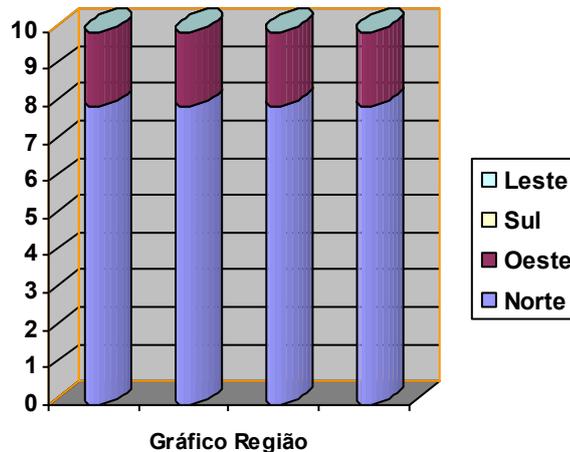


Gráfico Atuação

Segundo os dados apurados pelo gráfico 3 a média de tempo de magistério das professoras é de 10 a 15 anos.

Com relação à idade, grande parte das professoras da CEI/Conveniada tem mais de 30 anos. E as mais jovens somam quatro, Como mostra o gráfico 4.

No gráfico 5, pode se verificar que a maioria das professoras pesquisadas reside na região norte e trabalham nesta instituição a cerca de 5 anos.



Como mostra o gráfico 1, Todo profissional para exercer determinada função essa instrução passa por uma preparação que o deixe apto a aplicar essa instrução em sua prática de trabalho. No campo educacional ocorre a mesma relação, pois toda área de conhecimento exige qualificação e habilitação adequada.

Em sua obra Freire (1996, p. 92) ressalta que a competência profissional passa pela rigorosidade de sua formação, ou seja, “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”.

Com essa afirmação, Freire (1996) coloca em relevo a figura do professor pesquisador. O compromisso com sua própria formação é base fundamental para um ensino de qualidade. Qualidade que visa conhecimentos adequados para atuação e desenvolvimento de seu trabalho.

[...] o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática decente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 29).

2. 3- Psicomotricidade:Conhecimento Importância

Neste tema, destacam-se todos os aspectos relacionados à psicomotricidade e sua importância na educação infantil.

Psicomotricidade	Número de respondentes
Contribui para o desenvolvimento integral.	10
Consiste desenvolvimento da criança.	10
Estuda os movimentos corporais, Intelectual e social.	10
Engloba outras áreas educacionais pedagógicas e de saúde, desenvolvendo o lado interno e externo do ser humano.	10
A compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo.	9
Traz contribuições para a aprendizagem e autonomia do sujeito considerando seu espaço social e cultural.	9
Possibilita as sua localização no tempo e no espaço.	9

Conforme as concepções das professoras a psicomotricidade traz a contribuições importantíssimas para o desenvolvimento integral da criança. Ela vem enriquecer e ampliar as possibilidades expressivas, afetivas e cognitivas na formação do ser humano. Desse modo, acreditamos que a Educação Infantil se torna um espaço privilegiado que contribuirá favoravelmente na formação da criança.

Para Gonçalves (1983), a Psicomotricidade, constitui-se num meio auxiliar na estruturação do desenvolvimento das crianças, ligando as experiências motoras, cognitivas e, indispensáveis na sua formação.

A prática dessa ciência pode também favorecer na prevenção de possíveis lacunas ocorridas durante o processo de maturação da criança. Esse desenvolvimento ocorre dentro de um grupo social a partir de sua interação.

À medida que a criança experimenta várias situações que proporcionam o conhecimento total de seu corpo e de suas partes, permite uma comunicação com o meio, favorece a diferenciação das partes do corpo em relação, uma às outras, o domínio de seu corpo sua percepção motora, sua imagem corporal (ALVES, 2008, p.44).

É nesse movimento que a criança experimenta seu meio e organiza-se a si mesmo, em seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional.

4.3 - Atividades que desenvolvem a psicomotricidade

Para o desenvolvimento da psicomotricidade poderão ser utilizadas diversas atividades que tem como objetivo

Compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica procedimentos específicos (RCNEIs, 1998 p. 24)

Explore o desenho (papel grande no chão e parede), modelagem (massinha), recorte, colar, movimento de pinça, colagem, folhear livros e revistas além de amassar papel.	10
Jogos de memória, dançar, quebra-cabeça, bater palmas, engatinhar, bater os pés, piscar os olhos, mímicas, exercícios corporais, brincadeiras de estátua, equilibrar, caminhar sobre uma linha reta.	10
A liberdade de expressão, música e movimento, escuta dentre outros.	10
Utilizam as funções motoras, perceptivas, afetivo e sócio motoras.	10
Caráter recreativo que favorecem consolidação de hábitos físicos, e a socialização.	10

De fato, a mediação por um adulto e, principalmente entre eles teoria de Vygotsky⁶, ao falar das contribuições que a interação social produz em um grupo, chamando,

[...] atenção tensão para o fato de que para compreender adequadamente o desenvolvimento devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança, mas também seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes (OLIVEIRA, 2008, p. 59).

Sem dúvida, as atividades realizadas pelas professoras trazem grandes contribuições para o desenvolvimento psicomotor da criança. Esses são recursos com possibilidades inquestionáveis na fase da Educação Infantil, Pois, contribuí na formação da pessoa é de suma importância considerar sua intencionalidade e a organização de suas ações, sendo estas, fundamentais para a realização de sua prática pedagógica,

É por meio da atividade motora que a criança vai construindo um, mundo mental cada vez mais complexo, não apenas em conteúdo, mas também em estrutura. O mundo mental da criança, devido às ações e interações com o mundo natural da criança, devido às ações e interações com o mundo natural e social, acaba por apresentar essas realidades por meio de sensações e imagens dentro de seu corpo e de seu cérebro. Primeiro por intervenção de outras pessoas, que atuam como mediadoras entre as crianças e o mundo; depois pelos sucessos e insucessos da sua ação, ela vai adquirindo experiências que virão a ser determinantes no seu desenvolvimento psicológicos futuro (FONSECA 2008, apud GONÇALVES, 1983, p.27).

Segundo Gonçalves (1983), a prática da estimulação psicomotora bem direcionada tendo um objetivo claro contribuirá com a formação da criança trazendo a tona sua personalidade. Sendo assim, a interação da criança com o mundo dos objetos e os indivíduos do grupo social, sob orientação da motricidade, desenvolverá as capacidades psicológicas de seu desenvolvimento.

⁶ Psicólogo e pesquisador foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com intuito de tentar responder quais são as contribuições oriundas da psicomotricidade para as crianças da educação infantil. Esta pesquisa buscou nas opiniões de 10 professores e 1 coordenador pedagógico, - a resposta para o presente problema.

Em relação à metodologia foi utilizada a abordagem qualitativa para analisar as respostas dadas pelos professores. Foram respondidos 10 questionários com questões fechadas e abertas, entregues para professores atuantes em. Creche/CEI da rede conveniada - SP.

As duas primeiras questões fechadas possibilitaram caracterizar os respondentes da pesquisa com referência à formação e ao tempo de atuação.

Foram constatados que todos os professores possuem a formação em Pedagogia, demonstrando assim que a formação em Magistério não é mais tão frequente.

Em relação à idade, constatou que grande parte das professoras da CEI/Conveniada tem mais de 30 anos.

Já quanto ao tempo de atuação, a maioria das professoras está na área, em média, há dez anos, Sendo que as mesmas pesquisadas residem na região norte e trabalham nesta instituição a cerca de 5 anos.

As questões abertas tiveram o propósito de buscar saber o que as professoras entendem sobre psicomotricidade e sua importância e quais atividades elas aplicam para desenvolver a psicomotricidade e quais estratégias são utilizadas para trabalhar com as crianças de 2 a 5 anos.

Terminada a presente pesquisa, constatamos que essa não se esgota com esse trabalho, pois o mesmo necessita de aprimoramento e complementação.

Sem dúvida, foi muito importante visitar a história da educação Infantil no Brasil. Ficou claro que a criança não era vista como um ser com suas particularidades e necessidades. Hoje muitas crianças gozam de conquistas e lutas sociais que demarcaram sua história.

A lei 9.394/96(LDB) trouxe um grande avanço na formação da criança ao reconhecer a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

Percebemos que muito se fala sobre qualidade do atendimento na Educação Infantil, porém ainda há um longo caminho a ser percorrido, algumas instituições, que prestam esse atendimento ainda hoje deixam a desejar no aspecto pedagógico da formação da criança. Porém muitos profissionais comprometidos que prestam esse atendimento buscam espaço cada vez mais amplo na educação brasileira, levam sua formação a sério, para melhor atender as demandas da Educação Infantil, qualificando seu trabalho ampliando seu conhecimento que sem dúvida é compromisso de todo profissional.

Por meio de nossa pesquisa percebemos que as atividades propostas pelas professoras em suas intenções são ricas, pois -oferece- criança contribuições em sua formação afetiva, cognitiva e motora.

Evidenciou-se, tanto em nossa revisão bibliográfica como em nossa metodologia e análise de dados que esses três aspectos são muito importantes na formação integral da pessoa. A exteriorização desses aspectos se dá no movimento interno e externo da criança em relação a seu meio. É no movimento que ocorre no brincar de faz-de-conta, na atividade dirigida, no tanque da areia, nos jogos, na roda de leitura, etc.

Visando a formação integral e não fragmentada da criança, acreditamos que uma das ferramentas que contribuirá para isso é a Psicomotricidade. Essa ciência de fato traz grandes contribuições se aplicada com objetivo e direcionamento.

A educação Psicomotora deveria fazer parte de todo o currículo da Educação Infantil. O registro e um olhar bem atento é uma forma de avaliação concreta na observação desse desenvolvimento.

Cada criança é única e traz dentro de si uma história que possa pela experiência corporal (LE BOLCHE. 1982)

Por isso, é necessário que cada profissional envolvido com as crianças, nesta faixa etária, seja comprometido com as causas e estudos sobre a psicomotricidade, pois é que aluno e professores estabelecem relações e propiciam uma troca de aprendizagem e cumplicidade que resultam num compromisso social e na aprendizagem das crianças.

APÊNDICE

PESQUISA DE CAMPO

Formação:

- Magistério
- Pedagogia
- Pós Qual? _____
- Especialização Qual? _____
- Mestrado Qual? _____
- Doutorado Qual? _____
- Outros _____

Atuação:

- Mini-grupol
- Mini-grupo II
- Mini-grupoIII

Tempo de magistério

1 a 5 anos

5 a 10 anos

10 a 15 anos

Qual a sua idade?

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 anos ou mais

Reside em que região

Norte

Sul

Leste

Oeste

Questões:

1 - O que você sabe sobre a psicomotricidade?

2- Qual a importância da psicomotricidade na Educação infantil?

3-Quais são as atividades que você aplica para desenvolver a psicomotricidade dos alunos?

4- Quais os meios que você utiliza para ajudar as crianças a ter uma percepção adequada/positiva de si mesmo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Wak, 4ª Ed., 2008.

BAZILIO, Luiz Cavaliere. **Infância rude no Brasil: alguns elementos da história e da política**. In: **Escola, infância e escolarização**. José Gonçalves Gondra (Org). Rio de Janeiro; 7 Letras, 1ª ed., 2002. pp. 45 – 58.

BRASIL. Ministério da Educação e do Deporto. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, Secretaria da Educação Fundamental, 1998. Vol. 1.

ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990.

FONSECA, João Pedro da. **A educação infantil**. In: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. Thomson Learning; ABDR, 2ª ed., 2004. pp. 198 – 225.

FONSECA, Vitor. **Manual de observación psicomotriz**. Barcelona, 1998; IND Publicaciones pp. 13 – 17.

_____. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem**. Porto Alegre; Artimed, 2008.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz na terra, 1996.

GALVANI, Claudia. A formação do psicomotricista, enfatizando o equilíbrio tônico-emocional. In: **A psicomotricidade, otimizando as relações humanas**. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

GONÇALVES, Fátima. **Do andar ao escrever: um caminho psicomotor**. São Paulo: Cultural RBL LTDA, 1983.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos**. Trad. por Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª. Ed., 1982.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004, p.58.

MEC/SEF/DPE/COEDI. Professo da pré-escola/Fundação Roberto Marinho. 4ª ed., Brasília, 1995.

MELLO, Alexandre Moraes de. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis.** São Paulo: IMBRASA, 7ª. Ed., 1989.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo; Scipione, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (Org). **Educação Infantil: muitos olhares.** São Paulo; Cortez, 7ª ed., 2007.

Perfil. Caetano Veloso. **Sampa.** Faixa 9, 2006, Áudio CD.

SBP. **SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE.** Disponível em: <www.psicomotricidade.com.br> Acesso em: Maio de 2011.